
“Porteira fechada” para o monarca das coxilhas, na miséria emerge um novo gaúcho¹

Pâmela Lucélia Pimentel do Nascimento de Valério

Curso de Letras – Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise estrutural e temática do romance *Porteira fechada*, procurando demonstrar que a narrativa traz um novo tipo humano – “o gaúcho a pé” –, vivendo no mesmo espaço do monarca das coxilhas, mas sem as qualidades daquele herói, enfrentando, portanto, inúmeras dificuldades para adaptar-se ao novo modelo social e econômico que se formou no Rio Grande do Sul no início do século XX.

PALAVRAS CHAVE: *Porteira fechada*; “gaúcho a pé”; monarca das coxilhas.

ABSTRACT: This paper presents a structural and thematic analysis about a novel *Porteira fechada*, looking for to demonstrate a new human type – “o gaúcho a pé” – in a narrative. But, this man living in a same space of the “monarca das coxilhas”, without a hero’s qualities and a innumerable difficulties to adapt it a social and economic new model, that existed in Rio Grande do Sul, an initial years of century XX.

KEYWORDS: *Porteira fechada*; “gaúcho a pé”; monarca das coxilhas.

Introdução

O presente trabalho tem como tema principal a análise de um renomado romance sul-rio-grandense, considerando os seus aspectos estruturais, além da análise das personagens principais que constituem a obra escolhida: *Porteira Fechada*, de Cyro Martins, publicada no ano 1944 e que faz parte da trilogia do autor sobre o “gaúcho a pé”, com referência ao peão que perde tudo e vê-se obrigado a migrar para a cidade, vivendo uma situação de marginalização.

No primeiro segmento do texto, retoma-se parte da história de João Guedes, o protagonista da história, na verdade, o peão afastado do campo e que passa, ao lado da família e alguns antigos vizinhos da zona rural, a residir no subúrbio de Boa Ventura, uma cidade fictícia, marcada por um espaço miserável que reúne um grupo de infelizes que, expulsos do campo, são incapazes de se adaptar ao novo modo de vida. No segundo segmento, toma-se

¹ Trabalho desenvolvido para a DCG Literatura sul-rio-grandense, sob orientação da professora Elaine dos Santos, bolsista REUNI, doutoranda em Estudos literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

como referência, para os estudos, considerações feitas pela crítica literária em relação ao romance em questão, procurando dar-se destaque para a figura do “gaúcho a pé” que, a seu modo, desmitifica o monarca das coxilhas, o gaúcho valente, honrado, peão nos tempos de paz e soldado nos tempos de guerra. Por fim, traçam-se as considerações finais em que se dá ênfase para o modelo miserável do gaúcho que surge em obras, sobretudo, da literatura a partir de 1930, com o chamado romance de 30, a denúncia social que mostra a “real” situação do homem do campo, retirando-lhe uma espécie de aura mítica que o colocava acima de todas as adversidades.

2. *Porteira fechada: considerações estruturais e temáticas*

No romance publicado por Cyro Martins, pode-se analisar a história de João Guedes e sua família, pobres gaúchos com sua meia quadra de terra arrendada. No primeiro capítulo da obra, o leitor toma conhecimento da morte da personagem principal João Guedes. A partir daí, são contadas as façanhas de seus compadres, dos que possuíam mais poder político e econômico, assim como a vida que, outrora, desfrutaram no campo. Dessa forma, tem-se a antecipação do desfecho da narrativa: Guedes está morto ao iniciar-se a história e o que se acompanha, depois, em uma espécie de *flashback*, é a sua derrocada, os motivos que determinaram que o homem tirasse a própria vida por não mais suportar as condições em que vivia – neste caso, a narrativa assume uma forma linear e os acontecimentos vão se encadeando em uma sequência cronológica bem marcada. Ao observar-se questões relativas ao tempo da narrativa, deve-se mencionar recordações que aparecem, sobretudo, através das personagens Querubina e Maria José, ambas primas e com trajetórias de vida bastante distintas: “-Ora, amizades de moça! Tolices, meu velho, tolices! Aquilo passou, como a mocidade... Quantos anos faz que eu não vejo a Maria José!” (1993, p.44). Querubina, embora fosse preterida pelos jovens de seu tempo, fez um excelente casamento do ponto de vista da estabilidade econômica, enquanto Maria José enfrentou inúmeras dificuldades porque escolhera casar-se com Guedes, um simples arrendatário, sem qualquer projeção na sociedade em que eles estavam inseridos.

No que se refere à personagem, em uma obra cujo protagonista é Guedes, de imediato, morto ao abrir-se a história, cabe, aqui, acrescentar, conforme Brait (1999, p. 11), que “o problema da personagem é, antes de tudo, um problema lingüístico, pois a personagem não existe fora das palavras”. Sendo assim, não se pode considerar Guedes como uma pessoa sobre a qual se conta uma história, mas como um ser fictício que só tem existência dentro do

romance em estudo e que, como tal, pode conduzir o leitor ao meio sul-rio-grandense dos anos 30, do século XX, em que aumentou significativamente o processo de êxodo rural no Brasil, sem, contudo, ser um exemplo real daquelas pessoas que viveram o período. A personagem é, acima de tudo, um ser ficcional.

João Guedes, Maria José e seus filhos, Lelo, Picucha, Tita, Isabel e Aurora, após serem expulsos pelo dono das terras, que comprara o território arrendado por Guedes e determinara a imediata desocupação, não viram outro meio senão mudarem-se para a cidade de Boa Ventura, almejando melhores condições de vida. Ocorre, dessa forma, o êxodo, a passagem do campo para a cidade, onde encontrarão dificuldades para conseguir emprego e para sobreviver. A família defronta-se com um espaço que desconhece e que, portanto, não se encontra preparada para viver, conviver, trabalhar e reconstruir as suas vidas. Homens e mulheres criados na lida campeira não se encontram aptos ao trabalho urbano que requer qualificação, novos saberes que o campo não exigia.

Além disso, a família de Guedes enfrenta outro problema grave: uma das filhas fugiu com o namorado, sem um casamento oficial, de modo que a família fica “difamada” naquele modelo de sociedade em que se achava inserida. Há, ainda a doença e a morte de outra filha, vítima de tuberculose, uma doença, até então, incurável e que passa a pairar sobre os demais membros da família como uma sombra maldita – os vizinhos, os estranhos temem aproximar-se, enquanto a própria mãe, Maria José, teme que os demais filhos tenham sido contaminados.

A transferência de Guedes e seus familiares, porém, deve-se registrar, tem causas econômicas. No desenrolar da história, o narrador – em terceira pessoa, urbano e culto conforme se caracterizavam aqueles narradores que se propunham à denúncia social no chamado romance de 30 - apresenta as personagens Júlio Bica, fazendeiro e dono das terras em que João Guedes vivia, e que é responsável pela ruptura do modo de vida de Guedes e sua família no campo. Julio Bica para aumentar o plantel bovino adquirira as terras em que Guedes residia e trabalhava, afinal o gado gordo era mais importante, para o estancieiro, do que uma família miserável, ocupando uma porção de terras que “entortava” o traçado da sua grande propriedade. Há, ainda, Coronel Ramiro, ex-chefe político de Boa Ventura, capitão Fagundes, dono de um boliche em Boa Ventura, Gertrudes, mulher prestativa para situações de doenças e velórios, todos egressos do campo e, na cidade, em busca de sobrevivência, adequando-se à degradação que, aos poucos, retirava-lhe as forças e as esperanças. De outro lado, tem-se Querubina, prima de Maria José, prestativa e caridosa com a família da prima, desde que todos também soubessem disso, ou seja, não é propriamente a bondade que move a senhora da alta sociedade de Boa Ventura, mas a aparência, aquela aparência que lhe renderia

o respeito e a admiração dos demais. Ao lado de Querubina, o narrador oferta uma gama de personagens completamente desconectadas da realidade que os circundava, da miserabilidade que se espalhava pela pequena cidade, das vidas esfaceladas, das esperanças desfeitas: Oscar, seu esposo, é dependente do álcool, Maria Inês, sua filha, expressa apenas os anseios de uma jovem mimada, e seu noivo, o poderio econômico dos grandes fazendeiros, os interesses e os conchavos políticos.

O narrador, em 3ª pessoa, onisciente, distancia-se e observa quer seja a trajetória degradante de Guedes, quer seja a mudança social e econômica que acontecia no pampa, quer sejam os conchavos de uma classe social que ignorava a miséria daqueles homens e mulheres enxotados do campo:

Pela porta do oitão, de folhas entreabertas, entrava luz suficiente para clarear a peça. Bocejou, enfarado do mundo. Torceu a cabeça e contemplou enviesadamente as prateleiras despilchadas. Tudo ia costa abaixo, e ele só podia esperar desgraças maiores. (1993, p.11)

A João Guedes, após a venda da terra que arrendava, não restou alternativa senão a transferência para a cidade, acompanharam-no, além da família, o cavalo e o seu cachorro, Amigo.

Quando João Guedes, há três anos atrás, já desiludido de achar morada na campanha, veio à cidade em busca de uma casa para se meter com a família, foi o Oscar, o marido de Querubina, que deu jeito no negócio, assumindo espontaneamente a responsabilidade de fiador. (1993, p. 43)

Com o passar do tempo, sem oportunidade de trabalho, Guedes vê-se obrigado a roubar ovelhas para poder sustentar a família e, por causa disso, acaba preso. A experiência, que adquirira no campo no trato com os animais, acabaria sendo usado como contravenção, levando-o a um crime e, por extensão, à prisão. Neste período, sobressai-se o esforço da sua mulher, Maria José, muito sofrida, que cuidava dos animais e ajudava a sustentar a casa, com sua máquina de costura, comprada com muito esforço por Guedes. Maria José representa a figura feminina que esteve lado a lado com o gaúcho decadente. Esta decadência vai se consumando aos poucos: o roubo de ovelhas, a venda do cavalo e, finalmente, a comercialização dos arreios, isto é, das peças usadas para montaria, configurando, então, a figura do “gaúcho a pé”, trilogia conhecida da obra de Cyro Martins e que inclui, além de *Porteira fechada*, os romances *Sem rumo* e *Estrada Nova* (Zilberman, 1992).

Nesse sentido, o final do romance é significativo: onde, outrora, viveram famílias, acalentaram-se sonhos, pastava, então, o gado, em um excelente campo de engorda de animais para o abate e a comercialização da carne.

A tarde desse dia, nos campos, caiu serena, sem um frêmito. O sol descambava devagar, refletindo-se nas sanguinhas cheias, cantantes, irisando as espumas de sapo, reluzindo nos capinzais crescidos, nos fios do aramado, na chapa das lagoas. Pendia sobre a campanha uma claridade tênue de céu lavado. Os animais saíam para os altos a sorver o frescor das pastagens úmidas. Perdizes assobiavam contentes entre as moitas. Bandos de avestruzes vagavam, catando bichinhos à flor da terra. (1993, p.127)

O espaço que fora ocupado pelo homem adquire importância porque, desde a expulsão dos pequenos arrendatários, gente pobre, sem instrução, aumentou-se o espaço para o cultivo do gado, para o enriquecimento do grande estancieiro, para a consolidação de uma sociedade sulina baseada na pecuária de corte, em que os poderosos enriqueciam, enquanto os Guedes, as Gertrudes perdiam-se nas favelas, nas vielas, na miséria suburbana. O “novo” espaço que se formou no campo excluiu o homem, o mesmo espaço em que ele criou algumas cabeças de gado ou plantou certa porção de terra é, então, o espaço que lhe é interdito em favor do capital do grande fazendeiro que, evidentemente, tenta multiplicar o capital investido.

3. *Porteira fechada: considerações críticas*

Segundo Aguiar e Silva, a personagem principal de um romance identifica-se com um elemento físico ou com uma realidade sociológica, aos quais se encontram intimamente vinculadas ou subjugadas a personagens individuais. Sobre o retrato da personagem, afirma que é um elemento relevante, mais ou menos minucioso, mais ou menos sobrecarregado de dados semânticos, e que pode dizer respeito à fisionomia, ao vestuário, ao temperamento, ao caráter e ao comportamento, sendo que tais características são bem trabalhadas por Cyro Martins no personagem Guedes, homem campeiro, com caráter e valores diferentes aos demais. Não um herói gaúcho mitificado, mas desmitificado, dantes domador, mas, agora, ladrão e miserável:

Aquele homem era João Guedes, que carregava uma ovelha atravessada na garupa. Sim, o Guedes em pessoa, um gaúcho bom e direito, que foi domador, tropeiro, aramador, vizinho apreciado, plantador, que afrontou todos os riscos da vida campeira no tempo em que esta oferecia riscos, e que um dia se mudou para a cidade... Estava convencido de que apenas ele tinha culpa daquilo, e se excomungava, roído de remorsos. O Guedes, o homem velho e achacado que apeou nos fundos do seu biongo e cujo primeiro ato foi esconder o furto, com medo dos vizinhos, com medo da mulher, com medo da polícia, o Guedes sofria. (1993, p.64)

Cyro Martins, ao representar ficcionalmente o homem do campo marginalizado, desconstrói a personagem heróica do pampa, t conforme a afirmação da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2008, s/p):

O estereótipo deste padrão identitário de referência se consolida com a figura arquetípica regional, este gaúcho super-homem, ‘monarca das coxilhas’, ‘centauro dos pampas’. A esta visão grandiosa, atemporal, glamourizada, e de ampla aceitação, contrapõe-se um outro gaúcho, em correspondência com um outro Rio Grande, e que é dado a ver pela obra de Cyro.²

A representação desta nova visão do homem do pampa vem acompanhada pelos fatos que marcaram a história do Rio Grande do Sul, que sustentam e justificam as ações, a trajetória e o contexto em que estão envolvidas as personagens.

De acordo com Antonio Hohlfeldt:

não mais o peão, apenas, está marginalizado, mas a transformação das pastagens, a modificação econômica da província, a expansão das pastagens, faz com que também os pequenos e médios estancieiros sofram uma marginalização. (HOHLFELDT, 1982, p.73)

Para Maggioni (2007), é de fundamental importância salientar a situação histórica do Rio Grande do Sul, o qual vivia profundas e marcantes modificações socioeconômicas no período enfocado por Cyro Martins, o que foi marcado pela introdução do gaúcho a pé na gauchesca rio-grandense. Esse movimento “para fora” abriu possibilidades para que se pensasse o peão como desertor e, mais marcante ainda, o retirante a pé, sem rumo e sem perspectiva de melhora.

Ainda segundo Cardoso (2009), além de representar em *Porteira fechada* o declínio do poder do Partido Republicado, Cyro Martins demonstra o sistema eleitoral da época, centralizado nas trocas de favores entre chefes políticos e aliados e, também as fraudes nos processos de votação como, por exemplo, a efetivação de votos através de títulos de eleitores já falecidos:

Quevedo submetia-se a tudo, discretamente. Aprendeu a custo a garatujar o nome, para fins eleitorais. Mas nunca chegou a votar com título próprio, sempre se desobrigou dos deveres partidários usando títulos de eleitores defuntos. Em duas eleições os fiscais da oposição protestaram contra o seu voto, porém, diante da sua calma imperturbável, os opositoristas acabaram aceitando o seu título como legítimo. Foram duas pequenas vitórias que ele obteve para o partido. Em paga de tamanha lealdade, Ramiro reafirmou-lhe a promessa de que ele seria o substituto do velho André. (1993, p. 115)

² Texto disponível em < http://www.celpcyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/represFiccional_RS.htm > Acesso em 20/abril/2011.

Assim sendo, a crítica que se apresenta no romance não se restringe à expulsão do homem do campo, obrigado a viver à margem da cidade, da economia, da dignidade. A denúncia vai além, traz para a cena assuntos até então quase proibidos para o meio literário – talvez, a exceção seja o poema satírico de Ramiro Barcelos, *Antonio Chimango* (1915).

Outro ponto que merece ser mencionado diz respeito ao tipo de relações sociais vividas no meio economicamente favorecido que é representado pela obra. Assim, para algumas personagens, os valores culturais e as aparências são fundamentais, como no caso de Querubina, que queria ser vista como caridosa:

Além disso, o caso possuía também seu lado belo. Tão consolador, ouvir as pessoas dizerem: ‘Lá vai a dona Querubina, uma senhora muito caridosa, sempre preocupada com os males dos outros.’ (1993, p. 80)

De fato, pouco importava a caridade, mas a opinião alheia, o respeito que lhe era entregue em função de ações mínimas que, muito menos que resgatar os humildes, humilhava-os ainda mais.

Por fim, Cardoso (2009) atenta para mais uma questão, em que compara as atitudes de Guedes e sua mulher Maria José. Segundo a pesquisadora, Maria José pouco se assemelha ao marido, no que se refere ao posicionamento frente aos problemas que enfrentam. Enquanto a mulher ainda alimenta sonhos e tenta modificar o destino de sua família, João Guedes entrega-se à degradação imposta pela sociedade, sendo levado ao roubo, à cadeia e à morte. Deve-se, porém, destacar, neste ponto, que o chefe da família, aquele a quem todos deviam obediência e que, teoricamente, deveria sustentar mulher e filhos era o homem, mas, diante da atitude do marido, ao final, a miserável sobrevivência da família era fruto das infundáveis noites de trabalho de Maria José frente à máquina de costura. Se assim for, é possível considerar que não apenas no espaço social, mas dentro de casa, Guedes perde a autoridade, perde o seu lugar, o lugar do patriarca, daquele que guia a família, cedendo-o para a mulher que, ao final, se verá com filhos para alimentar, sem o marido, que não resistiu às adversidades e entregou-se à morte. Do homem tranquilo que inicia a narrativa, pouco ou quase nada modificou-se: se, ao ser informado que perderia as terras, Guedes ainda assim dispõe-se a ará-las, sem pensar no amanhã, eis, no capítulo primeiro, o homem que não olha para o amanhã, para o desamparo dos filhos, pensa no momento presente e sucumbe, entrega-se. Enquanto Maria José, por sua vez, da esposa que conhecia os hábitos do marido, da mulher que se manteve em silêncio durante os roubos, passa a mantenedora do lar.

Considerações finais

A literatura produzida no Rio Grande do Sul apresenta algumas obras que se destacam em meio a uma grande quantidade de produções, uma delas, sem dúvida, é *Contos gauchescos*, do pelotense João Simões Lopes Neto, em que, pela narrativa muito próxima da oralidade feita por Blau, o leitor entra no espaço do homem campeiro, conhece a sua coragem, a sua honradez, o seu destemor. *Contos gauchescos* faz parte de uma linhagem que exalta as características do gaúcho e concede-lhe o status de monarca das coxilhas, o peão nos tempos de paz e o guerreiro em épocas de defesa da fronteira ou mesmo nas lutas farroupilhas contra o império. Mas o gaúcho, aos poucos, perde a aura mítica e, em meados do século XX, surge um novo modelo, mais humilde, enfrentando condições adversas do ponto de vista social, econômico e, inclusive, moral. Trata-se do chamado romance de 30 ou prosa neo-realista que nem sempre abandonando as conquistas da geração modernista de 1922, dá-lhe uma nova visão: a crítica social (BOSI, 1979). O romance *Porteira Fechada*, de Cyro Martins, filia-se a esta nova forma de abordagem do gaúcho, sem cavalo, sem terra, um gaúcho a pé, fora do campo, à margem da cidade, da vida social e econômica, um errante em seu próprio estado.

Narrada em terceira pessoa, a obra aproxima-se, com mais ênfase, do leitor urbano, culto com quem o narrador dialoga e, ao que parece, deseja influenciar, alertar para as dificuldades que se faziam sentir naquela sociedade. Do espaço pequeno, mas digno, arrendado no campo, Guedes e a família são transferidos para a cidade, isto é, para a margem da cidade, para um local de pobreza que já abriga outros que, como eles, deixaram o campo, perderam/venderam as suas terras para que grandes fazendeiros aumentassem a produtividade bovina, quer fosse para o abate, quer fosse para a produção de leite. Da decadência final de Guedes, morto já no primeiro capítulo, o leitor aproxima-se daquela vida miserável, contada em *flashback*, e vai traçando os caminhos que o conduzem a desistir da vida. Dá-se, dessa forma, a passagem do gaúcho apegado ao campo, para a periferia da cidade, onde é marginalizado e levado a cometer delitos para sustentar a sua família; há então uma ruptura do mito sobre o gaúcho, que, agora, é um gaúcho pária, ladrão, rompendo, pois, com o valor da honestidade que era tão caro a tradição literária anterior entre poesias, contos e romances produzidos nos anos anteriores a 1930, ainda que Alcides Maya, em *Ruínas vivas* (1910), e Ramiro Barcelos, em *Antonio Chimango* (1915), já apontassem para certa degradação que existia na relação campeira, entre patrão e peão, assim como se fazia presente na política.

Porteira fechada, que compõe a trilogia do “gaúcho a pé”, de Cyro Martins, que ainda inclui *Sem Rumo*, de 1937, e *Estrada Nova*, de 1953, é uma aventura por um Rio Grande que

ainda existe, mas é, sobretudo, uma reflexão sobre o ser humano que ainda explorado e marginalizado, de forma que, vista sob esta ótica, faz do romance muito mais que uma denúncia, mas uma obra com temática universal, que traz, para as páginas da literatura, o homem e as suas dificuldades, os seus sofrimentos, independente do tempo e do espaço em que se acha inserido.

Referências

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 5. ed., Coimbra: Almedina, 1983.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura*. 2.ed. São Paulo: CULTRIX, 1979.

CARDOSO, Caroline dos Santos. *Literatura e História na trilogia de Cyro Martins: a representação dos gaúchos e das prendas a pé*. Porto Alegre: 2009. Monografia de conclusão de curso. 45 páginas. Disponível em <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6010/4328>>

Acesso em 20/abril/2011.

HOHLFELDT, Antonio. *Ficção e Realidade*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.

MAGGIONI, Ana Paula. “Porteira Fechada sob a perspectiva da viagem”. In *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 03 N. 01 – jan/jun 2007

MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “A representação ficcional do Rio Grande do Sul na obra de Cyro Martins”. Disponível em:

<http://www.celpsyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/represFiccional_RS.htm>. Acesso em:

20 de abril de 2011